



Neamp

Nota dos Editores

Rafael de Paula Aguiar Araújo*

Silvana Martinho*

Manoel de Barros, em *Memórias Inventadas: a segunda infância*, inicia seu livro com a seguinte frase: “tudo que não invento é falso”. Nela está grande parte da tensão inerente ao tema da memória, presente nos desdobramentos da dinâmica social. Quando quisemos construir um dossiê inserindo a memória na relação existente entre as diferentes formas de comunicação e a política, sabíamos da riqueza e do perigo que a proposta suscitava. Nas páginas publicadas é possível dar contorno à idéia de que nossa subjetividade é construída a partir de uma gama complexa de relações, na qual a memória cumpre um papel ativo. A própria produção filosófica e científica insere-se nesse esquema, quando documentos e idéias são recuperadas, paradoxos são refeitos, conceitos são construídos. Manuel de Barros nos oferece de um jeito mais sofisticado e simples dessa percepção. Aqui, nas páginas da Aurora, oferecemos um outro tipo de razão, uma outra forma de cercar o problema, a que convidamos o leitor.

Nesse número da revista, apresentamos a segunda parte do dossiê sobre memória. Foi preciso dois números para dar conta da riqueza de abordagens e perspectivas que surgiram. Novamente contamos com a ajuda do Prof. Bruno Reis, da Universidade de Cabo Verde, especialista no tema e membro do comitê editorial.

O artigo de Susana Sel, professora da Universidad de Buenos Aires, apresenta uma análise a respeito da forma como a memória coletiva se caracteriza na Argentina, no que diz respeito aos direitos humanos no período pós-ditadura, através da articulação de distintas instituições. O texto é um convite à reflexão sobre a forma como a memória adquire novos matizes a cada situação, e também nos permite caracterizar a forma como a política se apropria da memória para seu desenvolvimento. O texto do professor Ariel Jerez, da Universidad Complutense de Madrid, aproxima-se do anterior, uma vez que aborda a relação entre os direitos humanos e a memória de um período ditatorial. Especificamente, Jerez faz uma etnografia pela própria

* Rafael Araújo – rafa77@uol.com.br / Doutor pela PUCSP e Professor da PUCSP.

* Silvana Martinho – silgmartinho@gmail.com / Mestre em Ciências Sociais pela PUCSP e pesquisador NEAMP.



Neamp

universidade e investiga a forma como os movimentos sociais em Madrid foram acompanhados naquela comunidade durante a última década, refletindo sobre suas conseqüências.

O artigo de Paolo Montesperelli, da Università di Roma “La Sapienza”, apresenta uma reflexão teórica e metodológica sobre o conceito de memória em Maurice Halbwachs, um dos mais destacados teóricos da área. Seu texto recupera a idéia de que a história é dinâmica e pressupõe um processo hermenêutico que envolve a contínua interação simbólica. Com isso o Professor Montesperelli contribui generosamente para uma valorização dos processos sociais durante o desenvolvimento de uma memória coletiva. No mesmo sentido vai o Professor James V. Wertsch, da Washington University, em seu texto *Collective Remembering*, pelo qual articula as idéias de distintos autores, tais como Bakhtin e o próprio Halbwachs.

Joana Marques Ribeiro e Syntia Pereira Alves também desenvolvem suas reflexões acerca da memória, mas a partir da análise do filme *O Labirinto do Fauno*, ancoradas no debate sobre a Guerra Civil Espanhola e o regime franquista. Aurora traz, por fim, o texto de Anjeéri Luis Sadzinsky a respeito das mudanças ocorridas no processo de reestruturação produtiva e organização do trabalho, marcadas pela transição da Era Industrial para a Era do Conhecimento.

A Revista ainda publica a entrevista realizada por Eduardo Viveiros com a professora Ana Amélia da Silva, estudiosa da relação entre memória e imagem. Na longa entrevista que concedeu a professora fala de algumas de suas pesquisas, dentre as quais as que envolvem o cinema de Godard e a filosofia de Walter Benjamin. A coluna da professora Teresinha Bernardo, importante referência na área, disserta sobre as possibilidades da relação entre a memória e as Ciências Sociais, caracterizando o fato de que ao lado de uma história escrita, existe uma história vivida. Aurora ainda oferece ao leitor a resenha de Diogo da Silva Roiz sobre o livro de Joan DeJean, *A essência do estilo: como os franceses inventaram a alta-costura, a gastronomia, os cafés chiques, o estilo, a sofisticação e o glamour*; e as imagens de Marcelo Burgos, registros de sua memória recente, ao vivenciar as movimentações ocorridas em Paris no ano passado.